

Os trabalhadores são os pacientes da dívida externa. Eles devem pagar ou tentar pagar essa conta sem fundo com mais trabalho, menos salário, mais poupança, menos consumo, mais imposto, menos retorno, mais recessão, menos emprego, mais inflação, menos futuro, mais juros, menos amortização, mais dívida...

Desde ontem, em Campinas, 54 centrais sindicais de 32 países da América Latina e do Caribe estão discutindo uma ruptura política para o impasse físico da dívida externa do constituinte, um exigível do tamanho de US\$ 430 bilhões. Ou mais da metade do produto bruto anual dos 32 países juntos. Até aqui, a discussão dos usos e abusos da dívida externa era monopólio dos agentes da dívida: banqueiros, governantes, empresários, políticos e tecnocratas.

O que os agentes da dívida resolveram até agora? Nada.

A nova ordem

A classe trabalhadora entende que a dívida externa é impagável. Do alto desse fato consumado, ela propõe, não o calote sumário, mas a anulação dos contratos em vigor, a interrupção temporária dos pagamentos e a montagem de um novo "serviço da dívida", em bases realmente amaciadas ou favorecidas.

As divergências estão nos termos do novo modelo de endividamento, recortado contra o pano de fundo de uma nova "ordem econômica internacional". A nova ordem econômica estabelecerá para o serviço da dívida, uma ligação direta entre sistema financeiro e intercâmbio comercial, com a competente revisão das regras do jogo centradas no FMI e no Gatt.

Uma proposta meridiana: programar os pagamentos anuais ao saldo das reservas comerciais.

Com estagflação

Arrimo de uma população de 430 milhões de habitantes, os 143 milhões de trabalhadores latino-americanos estão devendo três mil dólares cada um. Ou exatamente mil dólares por habitante.

Desde 1980, o contingente já pagou, só de juros, US\$ 280 bilhões. Esse exigível devastador mais que dobrou o principal da dívida, já que os juros estão sendo pagos com o refinanciamento das remessas: os mutuários não estão conseguindo honrar os pagamentos com os respectivos saldos comerciais.

E não é para menos: os países credores aplicam sobre os países devedores uma legislação comercial protecionista. Os

Estados Unidos, por exemplo, estão perdendo de goleada para os europeus e os japoneses na partilha do mercado mundial. Com japoneses, alemães, franceses e italianos, acumulam um "déficit" comercial superior a US\$ 110 bilhões. São parceiros superavitários no comércio e no capital. Mas a legislação protecionista de comércio *made in USA* (com sua recíproca européia) não faz distinção entre Japão superavitário e Brasil deficitário.

O Brasil só pode pagar a dívida (aos bancos americanos) com os dólares que consegue apurar nas trocas comerciais. O saldo brasileiro é feito de privação é renúncia. De um lado, vendendo com prejuízo ou abaixo do custo (mais inflação). De outro, cortando a importação até do essencial (mais recessão).

O juízo perdido

Os dirigentes sindicais reunidos em Campinas estão denunciando o caráter "estagflacionista" do serviço da dívida externa. Tanto mais, nos últimos quatro anos: os bancos credores deixaram de fazer a "rolagem" da dívida, interrompendo o refinanciamento dos juros. E juros por eles sobre-taxados, unilateralmente, sem aviso prévio.

A insensatez do mercado financeiro (convertido em fim em si mesmo) não passa pelo crivo de qualquer homem de boa vontade. Os países credores não souberam administrar o sistema de empréstimos internacionais, assim como nunca souberam sustentar o equilíbrio das trocas mundiais.

O elástico quebrou. Os endividamentos do Terceiro Mundo, tornados inadimplentes de fora para dentro, querem suspender os pagamentos para uma renegociação ampla, geral e irrestrita. As centrais sindicais pretendem dar o respaldo político para essa manifestação de soberania. Se os credores amarfalharam a ordem econômica internacional, que se dê aos devedores a oportunidade de influir diretamente na sua reforma a bem dos próprios credores.

Um "boomerang"

Trabalhadores americanos e europeus já ligaram o desconfiômetro. Desconfiômetro. Eles descobriram que a "debt crisis" está provando desemprego nos Estados Unidos e na Europa Ocidental. Os endividados do Terceiro Mundo deixaram de comprar produtos americanos e europeus: os derradeiros dólares em caixa estão enterrados no serviço da dívida, nada lhes sobrando para a importação de produtos e serviços.